

Surdez e letramento: concepções e implicações no desenvolvimento de competências interdisciplinares

Deafness and literacy: conceptions and implications on the development of interdisciplinary competencies

Luzia Cristina Nogueira de Araújo

Professora universitária (ISERJ/UVA). Coordenadora Pedagógica do projeto Libras (ISERJ – Núcleo de Ensino de Línguas-NEL). Mestre em Educação (UERJ). Graduação em Pedagogia e Letras/Literatura. Pós-graduada em Psicopedagogia. Docência Superior (UCAM) Educação Especial e Inclusiva. Letras e Literatura. Aperfeiçoamento em Planejamento de Ensino. Educação Infantil. Educação de Jovens e Adultos. Libras e Educação especial. Doutoranda em Ciência da Educação. Pesquisadora SEE-RJ. INEP-MEC.

E-mail: denteluz@yahoo.com.br

Artigo recebido em 30 de abril de 2013 e selecionado em 23 de maio de 2013

RESUMO

O processo de letramento na área da surdez está posta, hoje, nas instituições de ensino como um grande desafio, uma vez que os professores encontram inúmeras e diferenciadas dificuldades em apropriar-se de uma proposta de alfabetização que legitime a linguagem dos surdos, sem que se perca de vista o processo educacional integral. Agrega-se a este contexto a evolução da sociedade que impõe novas e diferentes formas de pensar, agir e ver o mundo. Um bom começo na superação desse desafio é buscar concepções de letramento que se materializam através de construção de competências que se materializam como instrumentos norteadores do desenvolvimento permanente do aluno, sendo este, contemplado por abordagens contextualizadas e interdisciplinares. Desta forma, legitima-se a forma de construção de conhecimento do aluno surdo, viabilizando práticas de letramento que lhe possibilitem encobrir a complexidade inerente à inserção do conhecimento – científico ou outro qualquer – e o tornem capaz de, por si próprio, desenvolver competências específicas à sua formação.

Palavras-chave: Letramento. Interdisciplinaridade. Competências.

ABSTRACT

The literacy process in the area of deafness is settled today, in educational institutions, as a major challenge since the teachers are numerous and there are different difficulties in appropriating a proposal of literacy

that legitimates the language of the deaf, without losing sight of the whole educational process. Added to this context, the evolution of society imposes new and different ways of thinking, acting and seeing the world. A good start to this challenge is to seek overruns conceptions of literacy that materialize through skill building as a guiding tool in the ongoing development of the student, which is contemplated by contextualized and interdisciplinary approaches. Thus is legitimated the form of knowledge construction of deaf students, enabling literacy practices that mask the complexity inherent to the insertion of knowledge – scientific or otherwise – which can itself develop specific competencies to his/her formation.

Keywords: Literacy. Interdisciplinarity. Competencies.

INTRODUÇÃO

O processo de letramento na educação de surdos não tem logrado o êxito desejado, em especial por estarem ainda sob a égide de uma concepção reducionista de letramento que não atende favoravelmente às exigências de formação da sociedade contemporânea e os sujeitos da aprendizagem.

Vale a ressalva de que, hoje, privilegiam-se experiências de uma educação bilíngue para surdos que visam atender o direito da pessoa surda, ou seja, a Língua de Brasileira de Sinais sendo reconhecida em sua completude linguística como a primeira língua e a lín-

gua majoritária, a Língua Portuguesa, como a segunda língua. O bilinguismo constitui um enorme avanço no ensino dos surdos, porque a linguagem oral¹ e/ou gestual² mecânica, foi substituída por uma concepção de linguagem como meio de apreensão e expressão. Daí a necessidade de abordar um conceito de educação para surdos que leve em consideração o significado de que um objeto de conhecimento se constrói através das múltiplas relações – objetivas e subjetivas – que o sujeito pode estabelecer entre o objeto e os outros, através do qual as pessoas apropriam-se do mundo tal como ele se lhes apresenta. Nesta perspectiva aprender uma língua é mais do que saber uma gramática, entender e escrever palavras ou frases. É saber mais de si mesmo, da sua comunidade de falantes, do mundo que esta língua simboliza. É saber-se também sujeito de uma língua que faz parte da sua identidade bilíngue.

A sociedade contemporânea vem a exigir cidadãos que saibam lidar com o conhecimento e a diversidade de informações. Devem estar familiarizados com as habilidades de coletar, organizar, estocar, transmitir e administrar o volume de informações de um mundo em constante transformação, respaldados por uma visão interdisciplinar da sua vida cotidiana. Ou seja, a capacidade de construir diferentes tipos de conhecimento sobre as coisas que existem no mundo e de, sempre por iniciativa própria, continuar durante a sua vida construindo conhecimento sobre o cada novo ponto de vista percebido. Hoje, o centro do processo da nossa formação não está, em primeiro lugar, no fazer, mas no saber fazer.

Assim, aprender a ler e escrever são, antes de tudo, estabelecer, interpretar, compreender, traduzir e aprender a ler o mundo a partir de diferentes linguagens. O letramento, aparece então como uma forma de construção de conhecimento que implica numa abordagem interdisciplinar de alfabetização, onde o cidadão possa construir, em si próprio, o sentido da escrita para a sua vida cotidiana. Contempla-se, assim, a concepção do homem-sujeito que estabelece com o mundo uma relação consciente de trocas significativas, concretizadas a partir da compreensão do papel social da linguagem escrita.

Considera-se aqui que, alfabetização e letramento são concepções consideradas distintas e complementares, pois enquanto alfabetizar significa a aquisição do sistema convencional de escrita, letramento designa o

desenvolvimento de comportamentos que envolvem práticas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2009 e 2010).

Nesse sentido, define-se alfabetização – tomando-se a palavra em seu sentido próprio – como o processo de aquisição da “tecnologia da escrita”; isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades – necessárias para a prática da leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético, ortográfico) (SOARES 2003, p. 91).

Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se letramento, que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse [...]; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor (Idem 2003, p. 91-92).

Acrescenta Senna:

Trata-se de um processo que interfere nas múltiplas esferas da cognição, desde a organização psicomotora e dos procedimentos heurísticos das operações lógico-formais, até a identidade sócio-afetiva, a qual deverá levar a crer num sujeito capaz de ler o mundo e atuar em favor de seu futuro (2008, p. 8).

Percebe-se que o conceito de letramento deve estar substanciado pela interdisciplinaridade do processo educativo com vistas ao desenvolvimento de competências, para lidar com as características da sociedade atual, que enfatiza a autonomia do aluno para a busca de novas compreensões, por meio da produção de ideias e de ações criativas e colaborativas.

Ao pensar conjuntamente a nossa sociedade e a educação de surdos, a definição de competências que mais se adapta às concepções de desenvolvimento global do sujeito elencadas pelas novas exigências da sociedade e pela educação bilíngue, é a de Santome (1998), segundo o qual as competências são definidas como *ferramentas mentais*. Assim, tais competências só podem ser desenvolvidas dentro de uma percepção interdisciplinar do conhecimento, na qual criam oportunidades para experiências curriculares concretas e

¹ Ensino baseado na tradição oralista, em que os surdos, considerados portadores de uma patologia, deveriam aprender a expressar-se oralmente, se quisessem vislumbrar alguma participação na sociedade.

² É uma tendência baseada na Comunicação Total, ou seja, pregava a utilização de todas as formas possíveis de comunicação, acrescentando o uso de sinais colocados na estrutura da Língua Portuguesa, onde tal prática reproduzia princípios da visão clínica, na medida em que tinha por finalidade a normalização do surdo, sua adaptação a modelos sociais predeterminados.

significativas para o processo ensino-aprendizagem. Nesse contexto não é possível encarar a alfabetização como um momento estanque e isolado na vida do sujeito, mas parte de um sistema de evolução do desenvolvimento de conhecimentos que interagem entre si.

O problema está na segregação das práticas de alfabetização no cotidiano escolar, de modo que estas raramente se articulam com as demais áreas do conhecimento e atividades desenvolvidas ao longo do dia letivo. A escola está fundamentada numa perspectiva instrumentalizadora³, onde tempo-espço são institucionalizados (hora da matemática, hora de português, hora da história...).

Desta forma, o conceito de letramento deve ser compreendido numa expectativa mais ampla do tempo do aluno, não se limitando ao contexto histórico escolar, situado nos anos iniciais. Deve ser uma constante preocupação curricular, por toda a vida, uma vez que a cada estágio de socialização novas relações se concretizam e um novo processo de letramento se inicia.

Configura-se assim, a exigência de uma educação cuja finalidade é o desenvolvimento de um cidadão letrado, que tenha comportamento e use o pensamento interdisciplinar, atendendo, assim, à nova demanda da sociedade contemporânea. Onde apostar no desenvolvimento de competências e na interdisciplinaridade significa:

[...]defender um novo tipo de pessoa, mais aberta, flexível, solidária, democrática e crítica. O mundo atual precisa de pessoas com formação cada vez mais polivalente para enfrentar uma sociedade na qual a palavra mudança é um dos vocábulos mais frequentes e onde o futuro tem um grau de imprevisibilidade como nunca em outra época da história da humanidade" (SANTOMÉ, 1998, p. 45).

Nesta perspectiva, torna-se necessário repensar o papel do professor enquanto agente de letramento na educação de surdos, mais especificamente as questões relacionadas ao ensino e à aprendizagem respaldados pelas concepções de competências e interdisciplinaridade. O ensino organizado de forma fragmentada, que privilegia a memorização de definições e fatos, bem como as soluções padronizadas, não atende às exigências da nova sociedade. Não se trata apenas de superar práticas mecanicistas de ensino-aprendizagem baseadas em memorização e reprodução, mas sim de romper com a ótica segmentada em disciplinas de toda a concepção de conhecimento, enfatizando o processo de construção e reconstrução do conhecimento por meio das interações e dos diversos níveis de reflexão.

³ Refere-se ao mecanismo do processo ensino-aprendizagem, onde o professor fica preso a técnicas e métodos de ensino, reduzindo a aprendizagem à transmissão de conhecimento.

Assim, uma proposta educacional de letramento para surdos deve considerar, entre outras questões fundamentais, essas implicações educacionais. Nesse sentido, a educação de surdos deve estar organizada partindo de uma perspectiva efetivamente interdisciplinar, onde os professores reconheçam que a sala de aula seja um espaço de construção de significados e que a língua é entendida como línguas possíveis entendidas como sistemas simbólicos verdadeiros socialmente compartilhados (VYGOTSKY, 1989). A interdisciplinaridade é aqui entendida como um processo pedagógico que visa o desenvolvimento de competências e não, ao ensino de conteúdos programáticos, pois, para que ocorra a inclusão social, não basta ter conhecimentos é preciso saber mobilizar esses conhecimentos, transformando-os em ação.

DESENVOLVIMENTO

Soares (2010) adverte que nas sociedades modernas, fundamentalmente grafocêntricas, a escrita está profundamente incorporada à vida social, cultural, política e econômica. Desse modo, a alfabetização é um instrumento necessário à vivência e é também um bem simbólico, cultural de valorização, prestígio e poder, pois não há possibilidade de participação econômica, política, social e cultural plena sem o domínio da língua escrita, ou seja, não há possibilidade de cidadania sem o amplo acesso de todos à leitura e escrita.

Enveredando por este caminho, vale destacar que o papel fundamental da linguagem é possibilitar aos indivíduos ampliar seus limites e (re) conhecimentos da realidade, onde o sujeito busca de forma autônoma a efetivação da utilização da escrita na prática.

Além disso, uma educação que privilegie o letramento bilíngue não envolve apenas considerar a necessidade do uso de duas línguas, mas, significa além de dar espaço privilegiado e prioritário à língua natural dos surdos, ter como eixo fundamental a identidade e a cultura.

Desta forma, entende-se a formação bilíngue enquanto um processo de letramento diferenciado, com respeito as singularidades do processo de aprendizagem dos alunos, para que não ocorra o risco de valorizar a questão linguística e esquecer todos os demais aspectos inter-relacionados.

Neste contexto, a atitude alfabetizadora, na qual se constrói a percepção interdisciplinar, para que o professor possa se ver como agente de letramento, é sem dúvida, a mais diretamente associada à melhoria do quadro de insucesso pelo qual passa, atualmente, o processo de alfabetização nas escolas. Pois a alfabetização vem sendo tratada como uma disciplina como ou-

tra qualquer, desvinculada de um sentido comunicativo amplo e socialmente legítimo. A segregação da postura ou atitude alfabetizadora em um momento estanque e precoce de formação do aluno deve-se, ao mesmo tempo, a dois fatores:

- Uma concepção arcaica de que a alfabetização, na área da surdez, restringe-se meramente ao ato de dar acesso às letras, ou seja, conhecendo seus nomes e juntando-as para formar palavras ou frases, atendendo à legislação de que a Língua Portuguesa deve ser oferecida aos surdos na modalidade escrita. Esta percepção evidencia uma prática alfabetizadora em que o sentido comunicativo da linguagem inexistente e a língua é encarada como um sistema estável e imutável. Tal concepção acontece contraditoriamente ao ambiente alfabetizador priorizado atualmente nas escolas, cuja concepção pressupõe que a reflexão, criação e apropriação da palavra escrita para alfabetizar, cria condições significativas para que o aluno tenha acesso a construir novos conhecimentos e maneiras de ler o mundo.

- Uma percepção equivocada acerca da inserção de práticas de letramento na área da surdez. Os professores alfabetizadores reduzem a alfabetização a momentos isolados no cotidiano escolar desvinculando-a das demais áreas de conhecimento, tratando-a como uma disciplina a mais. Tal postura, não se coaduna em nada, com o objetivo maior do processo de letramento que é colocar o aluno interagindo com o mundo como cidadão, apropriando-se das diferentes linguagens que estão disponíveis no Universo.

Tais fatores deturpam as práticas de letramento, na esfera da qual a idiosincrasia da organização da experiência curricular impossibilita o diálogo interdisciplinar, explicitando uma prática pedagógica descontextualizada e estanque do ato de alfabetizar e, conseqüentemente, impossibilita o desenvolvimento de competências necessárias à formação integral do sujeito.

Um bom começo para se diminuir a tensão existente em práticas de letramento para surdos é legitimar novos olhares sobre os conceitos de interdisciplinaridade e competências. Como proposta à esta prática, seguem-se posteriormente tais concepções.

DO CONCEITO DE INTERDISCIPLINARIDADE

Se quisermos avançar para um conceito interdisciplinar, prescrito anteriormente, a partir de um eixo centrado no letramento, é necessário que tenhamos a clareza do conceito de interdisciplinaridade demandada pela educação de alunos surdos.

Pesquisas sobre cognição humana aludem que o ser humano nasce com potencial para aprender. Mas este potencial – esta capacidade – só se desenvolverá

na interação com o mundo, na experimentação com o objeto de conhecimento, na reflexão sobre a ação. A aprendizagem se organiza, se estrutura, através de interlocuções significativas com o meio.

Em se tratando da surdez, temos que levar em consideração as suas formas de interação do sujeito surdo com o mundo – que se faz através da concepção viso-espacial. Com efeito e já de pronto, não podemos aqui desconsiderar a propensão para a construção de conhecimentos, cujas imagens refletem trocas significativas entre os sujeitos e mediadores da aprendizagem, como meio para a elaboração de conceitos.

Nos confrontamos com diversas áreas do conhecimento e de teorias dentro dessas áreas que passam a gerar dúvidas e confusão, dado que tais conhecimentos foram gerados pela lógica da linearidade e atomização, de que resultaram conhecimentos simplificadores da realidade e visão isolada, “dissociada tanto do todo como de outras partes desse mesmo todo” (LUCK, 2000, p. 20). Por isto a necessidade de se trabalhar a interdisciplinaridade na educação de surdos, como uma prática de integração entre os componentes do currículo, em que se assegura aos alunos a compreensão dos fenômenos naturais e sociais. Pois é através da interação com as diversas áreas do conhecimento que se promove a discussão, a pesquisa, a descoberta, o diálogo, mediando, assim, a comunicação entre os sujeitos da aprendizagem, e destes com o mundo. É preciso haver o elemento dialogante, para que o saber se construa. Nossos pontos de vista e nossas ideias se clareiam quando temos com quem discuti-los em interação permanente com o grupo social, pois possibilitará com que a aprendizagem circule, movida pelas relações afetivas.

Assim, a interdisciplinaridade, vista sob este prisma, supera a dicotomia entre ensino e língua, rompe com o enfoque fragmentário e reducionista das áreas do conhecimento, busca o ensino-aprendizagem centrado na ótica do que aprendemos ao longo de nossa vida, além de proporcionar processos constantes de reavaliação e interpretação sob cada ponto de vista apreendido. Neste contexto, o interdisciplinar não é algo que se ensine ou que se aprenda. É algo que se vive, através de uma postura aberta de investigação, de busca, de curiosidade sobre as relações existentes entre os conhecimentos.

Tal postura contribuirá no esforço de levar aos alunos a aprender a dar importância não ao conteúdo gramatical ou científico em si, gerando a clássica dissociação entre teoria e prática, e sim na sua interligação com a situação da qual emerge. Isso requer uma mudança de postura e o entendimento que a interdisciplinaridade deve ser encarada como um processo e uma filosofia de trabalho, proporcionando, assim, o desenvolvimento global do homem.

Nesta perspectiva o processo de letramento retrata a experiência social no que se refere a conhecimentos e modos de ação, transformando-se em instrumentos pelos quais os alunos assimilam, compreendem e enfrentam as exigências teóricas e práticas da vida social. Constitui o objeto de mediação, no sentido de que a assimilação e compreensão dos conhecimentos e modos de ação se convertem em ideias sobre as propriedades e relações fundamentais da natureza do ensino e da sociedade. Para isto, deve se levar em conta não só a herança cultural manifestada nos conhecimentos e habilidades, mas também a experiência da prática social vivida no presente pelos alunos surdos, ou seja, nos problemas e desafios existentes no contexto em que vivem.

DO CONCEITO DE COMPETÊNCIA

O processo de letramento sob bases interdisciplinares, aqui defendido, na área da surdez, a priorização do desenvolvimento da aprendizagem por competências é fator relevante para que se atendam às demandas da sociedade, pois não basta ter conhecimentos teóricos sobre o que é ensinado, é preciso saber mobilizar esses conhecimentos, transformando-os em ação.

Numa perspectiva de desenvolvimento por competência que deve ser compreendida como ferramentas mentais, em que se materializa em um instrumento norteador do desenvolvimento permanente do sujeito, já que a competência implica sempre em articulação de diferentes conhecimentos, torna-se aqui oportuno explicar a escolha de Santomé (1998), anteriormente citado, para se definir as competências e não, Philippe Perrenoud (1999), já que este último é conhecido pelo imaginário da comunidade educacional como o teórico que direciona seus estudos na investigação do conceito das competências.

Philippe Perrenoud (1999) define competência "como sendo uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a ele". Segundo o autor esses conhecimentos são oriundos da experiência individual, do senso comum, da cultura partilhada com especialistas ou da pesquisa tecnológica ou científica. Nesse sentido Perrenoud define competências como *capacidade de FAZER* e não como potencial para que se tenha a capacidade de fazer.

Na concepção defendida no presente trabalho, competência *não se confunde com técnica de fazer*; é, na realidade, tomada como um *SABER*, uma *potencialidade*, uma *capacidade*. Se tomada como um fazer, cada competência acaba isolada ao campo de avaliação do aluno que, em tese, FAZ uso daquele saber, ficando, assim *difícil* torná-lo interdisciplinar. Como potencialidade, pertence à *mente* e pode estar em todo e qualquer fazer.

A competência, assim, implica uma mobilização dos conhecimentos e esquemas propiciados pela a interlocução das diferentes áreas de conhecimento, na qual se constrói o desenvolvimento de respostas inéditas, criativas, eficazes para diferentes e novos problemas. Tal concepção de competência se aproxima, assim, da defendida por Santomé (1998) em que a concebe como uma ferramenta mental.

Fica assim, explícito que as competências não podem ser confundidas com objetivos disciplinares. Eis, o grande equívoco, em que professores pensam estar trabalhando com competências substituindo-as por objetivos gerais. Na realidade os objetivos vão apontar para o professor quais as competências necessárias para atingi-los.

Primeiramente os objetivos, diferentemente da competência, expressam um fim em si mesmo, ou seja, é verificado se o aluno alcançou ou não os objetivos previstos. As competências, ao contrário, por se encontrarem no campo de todos os saberes, preveem o surgimento de novas competências a partir de um conjunto de atribuições inerentes à sua formação, da qual consequentemente, se espera um resultado (objetivo) esperado. Portanto, o desenvolvimento das competências estaria nas formas de como aprender a chegar a esse resultado. Dessa forma, tal desenvolvimento se materializa, na área da surdez, pelo conjunto de experiências de aprendizagem concretas e práticas, focadas em atividades inerentes à formação do aluno.

Com efeito, entretanto, é possível ensinar e avaliar por objetivos sem se preocupar com a construção dos conhecimentos e, menos ainda, com sua mobilização diante de situações complexas. É o que acaba ocorrendo quando se tenta nomear, classificar, identificar disciplinarmente as competências.

Para melhor eficácia no desenvolvimento das competências no processo de letramento na área da surdez, o curso de formação deve dividi-las e sistematizá-las em quatro grandes perspectivas de competência: *comunicativas, psicomotoras, sócio-afetivas e lógico-formais* (todas são igualmente importantes e só produzem resultados se atuando complementarmente nas diferentes áreas curriculares). Evidencia-se, assim o trabalho interdisciplinar, considerando a multiplicidade de conhecimentos em diferentes situações, propiciando aos alunos-professores uma abordagem mais significativa e contextualizada em que permite que os mesmos estabeleçam relações com o seu dia-a-dia, de modo a compreenderem sua realidade, para dela participar como protagonistas da história.

Como forma de melhor exemplificar o conceito de competência, elucida-se abaixo um objetivo da área de Língua Portuguesa e outro da área de Matemática, a saber:

I – OBJETIVO DA ÁREA DE LÍNGUA PORTUGUESA:

Utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem, sabendo como proceder para ter acesso, compreender e fazer uso de informações contidas nos textos: identificar aspectos relevantes; organizar notas; elaborar roteiros; compor textos coerentes a partir de trechos oriundos de diferentes fontes; fazer resumos, índices, esquemas, etc. (PCNS, 1997, p. 18).

II – OBJETIVO DA ÁREA DE MATEMÁTICA:

Resolver situações-problema, sabendo validar estratégias e resultados, desenvolvendo formas de raciocínio e processos, como dedução, indução, intuição, analogia, estimativa, e utilizando conceitos e procedimentos matemáticos, bem como instrumentos tecnológicos disponíveis (PCNS, 1997, p. 24).

Pode-se afirmar que os dois objetivos, mesmo em áreas diferenciadas, explicitam a exigência da utilização das mesmas ferramentas mentais traduzidas em competências (comunicativas, sócio-afetivas, psicomotoras e lógico-formais).

Ao “utilizar a linguagem como instrumentos de aprendizagem, sabendo proceder para ter acesso, compreender e fazer uso de informações contidas nos textos” (objetivo I), será utilizada a mesma ferramenta mental para “resolver situações-problemas sabendo validar estratégias e resultados, desenvolvendo formas de raciocínio e processos...” (objetivo II). Pois, exigirá de ambos os objetivos, a *competência de entender diferentes linguagens, interpretar, avaliar, pensar criticamente*.

Por conseguinte, para identificar, organizar, elaborar, compor textos oriundos de diferentes fontes, fazer resumos, índices, esquemas (objetivo I), serão utilizadas as mesmas ferramentas mentais, presentes nos objetivos I e II. Pois a elucidação da sequência descrita no objetivo II, com ações tais como validar estratégias e resultados, deduzir, intuir, induzir e utilizar conceitos e procedimentos matemáticos, “bem como instrumentos tecnológicos disponíveis”, vai exigir *competências para planejar, avaliar, processar diferentes informações e formas de linguagem*.

A demonstração acima exposta, analisando o objetivo da área de Língua Portuguesa com o da área de Matemática dos anos iniciais do Ensino Fundamental, foi realizada para: (i) a conscientização de que ao se fazer uma análise de que os objetivos, independentemente da área de conhecimento, podem explicitar competências inerentes e, conseqüentemente, utilizar

as mesmas ferramentas mentais; (ii) facilitar e legitimar o trabalho interdisciplinar no desenvolvimento de competências, já que foi possível constatar que estas, estão intimamente integradas, na medida em que ao desenvolvê-las percebe-se a intrínseca relação entre elas (competências comunicativas, sócio-afetivas, psicomotoras e lógico-formais); (iii) conseqüentemente, surgirá novos olhares na forma de avaliação, tornando-a mais inclusiva, já que permite uma visão global do aluno surdo que estará sendo avaliado coletivamente pela a construção de conhecimentos e não por mera atribuição de notas.

Resguardados tais posicionamentos enfatiza-se que ao remeter o processo de letramento aos contextos naturais e sociais de onde o conhecimento foi extraído e onde é aplicado, partindo dos conhecimentos específicos e significativos, fazendo-os interagir, é preciso que a escola forneça a construção do desenvolvimento das ferramentas mentais aos alunos para a compreensão e a ação. Pode-se dizer então que o desenvolvimento de competência na área da surdez permite a mobilização de conhecimentos teóricos e práticos para que se possa enfrentar uma determinada situação e desenvolver a capacidade de encontrar vários recursos, no momento e na forma adequada, respondendo às diferentes demandas da sociedade letrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se discutir o processo de letramento na área da surdez, presencia-se uma realidade norteadada de desafios a serem vencidos – iniciando com a formação do profissional e a quebra de seus “(pré) conceitos”, considerando não só o perfil do aluno, já que muitas vezes desconsidera a sua forma de apreensão de conhecimentos, mas também a falta de uma abordagem epistemológica do que seja letramento bilíngue, interdisciplinaridade e competência.

Vale a ressalva de que com o perfil deste alunado, do ponto de vista lógico, se torna um paradoxo se alfabetizar um aluno em uma língua que *a priori* não tenha fala, pois essa língua para ele é triplamente difícil porque tem: (i) todo o custo do código, (ii) mais o custo da descoberta da língua e, (iii) mais o custo da descoberta de uma estrutura gramatical que ele não tem no pensamento.

Assim, se as práticas de letramento, numa perspectiva bilíngue para surdos, estiverem centradas no trabalho normativo da Língua Portuguesa, em técnicas e regras gramaticais e/ou em itens lexicais, sem considerar a interdisciplinaridade no contexto da aprendizagem, seu resultado será inócuo, já que os surdos têm uma visão de mundo diferenciada dos ouvintes, devido a sua propensão para a visualidade.

Para superação de tais desafios, é basilar e urgente a compreensão de que o processo de letramento na área da surdez exige hoje principalmente a mudança na forma de perceber e compreender o aluno em um contexto interdisciplinar em que todos são sujeitos construtores de conhecimentos sobre um mundo letrado. Pois, antes mesmo de ensinarmos sistematicamente a leitura e a escrita em nosso universo cultural, o seu uso sistemático já os marca cotidianamente desde muito cedo, e nesse processo eles vão criando sentido, tornando-nos naturalmente usuários da linguagem escrita. Portanto, é na vivência da diversidade de experiência que vão aprendendo coisas, construindo subjetividades, fazendo alianças e tecendo visões de mundo.

É imprescindível ter presente, como aqui anteriormente destacado, que o atual momento histórico, social, cultural e político exige um cidadão-letrado, com pensamento e comportamento interdisciplinar, exigindo grande operacionalidade de pensamento, habili-

dades e competências próprias em virtude do grande avanço tecnológico tão rápido e intenso.

Desta forma, para um efetivo processo de letramento bilíngue na área da surdez, é importante que a escola repense o seu papel no sentido de propiciar aos alunos o desenvolvimento de competências para lidar com as informações, estabelecer relações com o cotidiano e buscar novas compreensões, por meio da produção de ideias e de ações criativas e colaborativas.

Nesta perspectiva deve-se proporcionar experiências múltiplas, formado-se um ambiente alfabetizador onde se acolham diferentes e múltiplas vozes, constituídas a partir de interações realizadas em diferentes espaços-tempos em prol da construção de um cidadão LETRADO. Um cidadão capaz de responder aos desafios do cotidiano e de seus valores, solucionando problemas e produzindo respostas imediatas às complexidades do mundo contemporâneo, construindo-se como um sujeito autor-ator em todas as áreas de conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais (Anos iniciais): Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais. (Anos iniciais): Matemática*. Brasília: MEC/SE, 1997.

LUCK, Heloísa. *Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teóricos e metodológicos*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Trad. Bruno Chales Magne. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SENNA, Luiz Antonio G. Formação docente e educação inclusiva. In: *Cadernos de Pesquisa* v. 38. São Paulo: FCC ISSN: 0100-1574 pp: 195-219, 2008.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. *Alfabetização e letramento*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.